

**XXIX Encontro Anual da ANPOCS**

**25 a 29 de outubro de 2005**

**Título do GT:**

**Ruralidade na Sociedade Contemporânea: desafios e perspectivas**

**Jovens Agricultores:**

**Gênero, trabalho e projetos profissionais.**

Nilson Weisheimer: Mestre em Sociologia e  
Dutorando em Sociologia (IFCH / UFRGS)

## Introdução

A dinâmica do desenvolvimento capitalista vem determinando transformações nas condições de reprodução do capital e da força de trabalho da agricultura familiar, assim como faz do meio rural um espaço social cada vez mais complexo. No caso brasileiro, de condições geralmente adversas às pequenas unidades produtivas, os jovens filhos de agricultores familiares vêm reduzidas suas possibilidades de permanência na agricultura. Esse fato tem implicações sociais relevantes, uma vez que, de um modo geral, a continuidade da profissão agrícola depende da reprodução social com base familiar. Isso porque a sucessão na agricultura familiar tende a ser endógena, com pelo menos um filho sucedendo o pai na administração da unidade produtiva, sendo pouco freqüente a adesão à essa atividade profissional por pessoas sem vivência familiar nesse ramo.

Pode-se falar, assim, de uma crise na reprodução social entre agricultores familiares uma vez que, por diferentes razões, os jovens, entre os quais principalmente as mulheres, passam cada vez mais a formularem projetos profissionais que apontam para a ruptura com a agricultura. Desta forma parece-nos pertinente estudar as possibilidades de reprodução social da agricultura familiar através da análise da elaboração dos projetos profissionais dos jovens.

O objetivo do texto é discutir a inserção dos jovens no trabalho familiar agrícola a partir de sua condição de gênero e sua influencia na formulação de seus projetos profissionais. Isto remete para a constituição de uma categoria social específica: os jovens agricultores. Como se verá a socialização deles neste processo de trabalho é marcada por relações sociais de gênero que impõem diferentes papéis e posições sociais a rapazes e moças, com fortes conseqüências nas formulações de seus projetos.

A elaboração do projeto<sup>1</sup> profissional é resultando de um esforço de reflexividade dos jovens em estabelecer objetivos de inserção profissional . Entretanto isto não ocorre apenas no âmbito das escolhas pessoais. Resulta do balanço entre as experiências adquiridas da trajetória dos jovens e o campo de possibilidades, que atua como condicionante estrutural sobre os seus projetos (VELHO, 1994). Além disto, “*como qualquer outra antecipação de eventos futuros, traz consigo horizontes em aberto, que somente serão preenchidos através da materialização do evento antecipado*” (SCHÜLTZ, 1979, p. 139). Deste modo não é a efetivação ou não dos projetos juvenis que nos preocupa, mas, o que eles significam enquanto avaliações das

---

<sup>1</sup> Tomamos a noção de projeto de Alfred Schultz, que a concebe como “*conduta organizada para atingir finalidades específicas*” (SCHULTZ, 1979).

possibilitades de permanência na agricultura familiar. Por isto a hipótese que orientou o estudo foi de que, as diferenças na socialização de rapazes e moças no processo de trabalho familiar agrícola reflete-se em suas avaliações sobre o este trabalho e na formulação dos projetos profissionais<sup>2</sup>.

O texto encontra-se disposto de modo que após esta introdução apresentaremos o universo do estudo e buscaremos demonstrar a especificidade da categoria social dos jovens agricultores. Em seguida, serão vistas as formas que assumem a divisão do trabalho familiar buscando compreendê-las como reveladoras das posições ocupadas na hierarquia familiar. Após será examinada a distribuição temporal das ocupações de rapazes e moças, buscando explorar a relação entre ocupação principal e papéis sociais desempenhados por eles nas unidades de produção familiar. Por fim destacaremos como estes avaliam o trabalho agrícola.

### **O Bairro Escadinhas**

Como tentativa de reconstrução sociológica da realidade recorreremos a um estudo de caso desenvolvido junto aos jovens agricultores<sup>3</sup> do bairro Escadinhas, no município de Feliz / RS, situado na encosta da serra gaúcha, a 75 Km de distância de Porto Alegre. Esta localidade situa-se ao sul do município e tem como fronteira oeste o município de Bom Princípio e o Rio Caí. O bairro conta com uma boa estrutura de estradas municipais, tendo como acesso principal a estrada FZ 01, que possui trechos pavimentados, sendo considerado o seu entorno como perímetro urbano. Apesar do predomínio da atividade agrícola há uma série de pequenos negócios, como olarias, mercearias, oficinas mecânicas e eletrônicas, barbearias e costureiras. O bairro conta ainda com uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, Posto Municipal de Saúde, capelas Católicas, Protestantes e Pentecostais, assim como uma sociedade cultural e esportiva que leva o nome do local.

O início da atividade agrícola da região remonta ao processo de colonização por imigrantes vindos da Alemanha a partir de 1824. Escadinhas foi originalmente uma colônia de

---

<sup>2</sup> Os resultados aqui apresentados fazem parte da pesquisa mais ampla que resultou na Dissertação de Mestrado defendida por mim em março de 2004 no PPG em Sociologia da UFRGS, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Anita Brumer, com o título: Os jovens agricultores e seus projetos profissionais: um estudo de caso no Bairro Escadinhas, Feliz / RS.

<sup>3</sup> A pesquisa de campo foi realizada no inverno de 2003, utilizando-se como técnicas de coleta de dados a observação sistemática, a realização de entrevistas com grupos focais de moças e rapazes (semi-estruturada) e aplicação de questionário estruturado junto a um universo de 27 jovens agricultores, sendo 17 rapazes e 10 moças, residentes no Bairro Escadinhas .

natureza particular fundada no ano de 1860 (ROCHE, 1969). Ainda predominantemente agrícola esta localidade tem passado por rápidas transformações nas últimas décadas, com a entrada de plantas industriais, principalmente vinculadas aos setores coureiro-calçadista e de alimentos, que instalaram unidades industriais na região buscando atrair mão de obra a baixos custos, reconfigurando o espaço rural com novas formas de ocupação não agrícola para população local.

Os agricultores também vêm promovendo diferentes processos de transformações e modernização de suas unidades produtivas, visando melhorar sua inserção no mercado. O cultivo de morango, majoritariamente praticado no local, é um exemplo de estratégia de reconversão produtiva realizada que incorpora novas tecnologias e reestrutura a organização do trabalho familiar. Como resultado, encontram-se hoje muito mais integrados ao mercado nacional e internacional através da utilização de crédito bancário, da compra de insumos e equipamentos, além do comércio de frutas e mudas.

Estes aspectos fazem do universo de estudo bastante representativo por ser uma região marcada pela presença da agricultura familiar, pelo número significativo de jovens envolvidos no processo de trabalho familiar agrícola<sup>4</sup> e pela proximidade de plantas industriais, agroindústrias e alternativas de trabalho não agrícola.

### **A especificidade dos jovens agricultores**

A juventude tem sido um tema recorrente nas Ciências Sociais. Atualmente parece haver um consenso sobre a necessidade de pensá-la enquanto uma construção social, cultural e histórica altamente dinâmica, considerando-se os diferentes mecanismos de inserção social. Ao invés de um grupo homogêneo a juventude é cada vez mais percebida como uma realidade múltipla. Entretanto não há consenso quanto ao que configura a juventude e suas variações.

Para superar esta limitação é necessário primeiramente fazermos uma distinção entre os termos juventude - que é uma categoria fundada em representações sociais diversas que remetem a idéia de um período de transição onde ocorre a incorporação de uma série de papéis sociais, ou funções socialmente atribuídas através dos processos de socialização - de jovens - que são os sujeitos históricos ou atores sociais concretos que vivem os processos de socialização específicos

---

<sup>4</sup> Foi na pesquisa que resultou no relatório intitulado Agricultura familiar e fruticultura: impactos no processo de trabalho, coordenada por Anita Brumer que ao compararmos as regiões do Vale do Caí e Litoral Norte do Rio Grande do Sul pudemos constatar uma participação maior de jovens no trabalho agrícola entre os produtores de morango do Vale do Caí do que em outras regiões, na qual se destacava a localidade de Escadinhas.

e os dilemas da condição juvenil. Mais do que uma faixa etária a *condição juvenil* é uma posição na hierarquia social. A este respeito Sposito (2003) recorre a Abad (2002) para trazer outra importante distinção entre condição – modo como a sociedade constitui e significa “*esse momento do ciclo de vida*” e a situação juvenil que traduz os diversos percursos experimentados pela condição juvenil (SPOSITO, 2003).

Para efeito de análise propomos que a especificidade de cada situação juvenil seja estabelecida através do exame dos processos de socialização nos quais os jovens estão inseridos. Ao considerarmos as diferenças de classe social, etnia e gênero, por exemplo, percebem-se distinções relativas às posições ocupadas nos espaços sociais e conseqüentemente de processos de socialização respectivos. Este posicionamento rompe com as definições de caráter “*substancialista*” sobre a juventude e nos possibilita pensar a categoria analítica de modo relacional, isto é, em termos de sua posição num “*espaço de relações*” (BOURDIEU, 1989). A definição analítica dos jovens em relação aos processos de socialização confere maior coerência lógica à proposta de privilegiar as noções de *juventudes* (representações) e jovens (sujeitos) no plural, uma vez que eles são socializados de maneiras diversas e constroem experiências e identidades juvenis diferenciadas.

Buscando uma maior precisão analítica fazemos uso da categoria jovem agricultor e não de “juventude rural”, para enfatizar a singularidade dos jovens socializados no processo de trabalho e reprodução social da agricultura familiar,. A própria definição de rural é frágil uma vez que se baseia em critérios normativos (definido pelas Câmaras Municipais) ou em oposição ou urbano. A este respeito apoiamo-nos na crítica ao dualismo rural – urbano uma vez que este referencial geográfico é insuficiente para caracterizar uma categoria sociológica. Reivindicamos uma visão complexa da realidade social resgatando um pensamento relacional, que percebe os processos sociais agrários como expressões do processo histórico de divisão social do trabalho: (TAVARES DOS SANTOS, 1991, p.15). Soma-se ainda as transformações pelas quais passa o meio rural, como as relacionadas com a evolução do emprego não-agrícola, a ponto deste não poder mais ser pensado como exclusivamente agrícola. (SILVA, 1999). Disso resulta que hoje em dia nem todos os jovens rurais são agricultores, sendo necessário enfatizarmos a especificidade dos jovens na agricultura familiar.

Entendemos que entre os jovens agricultores ocorre um processo de socialização diferente de jovens do meio urbano, ou mesmo do meio rural, que não exercem o trabalho agrícola. Assim,

as relações sociais que conferem sentido e especificidade ao jovem na agricultura familiar estão assentadas na posição ocupada por eles na divisão social do trabalho como agricultores familiares. Volta ao centro da análise a dimensão do trabalho enquanto lócus da produção de valores materiais (produtos e serviços) e também simbólicos (idéias, representações e identidades sociais), uma vez que os jovens agricultores são membros de uma unidade doméstica que também atua como unidade de produção agrícola.

Como apontou Galeski ao analisar a família camponesa: “os filhos são os herdeiros e trabalhadores da fazenda” (GALESKI, 1979, p.6). Essa condição impõe uma dupla ambivalência: em relação ao trabalho agrícola e à herança do patrimônio familiar que caracterizará a especificidade dos jovens agricultores. Eles são membros de uma unidade doméstica que também atua como unidade de produção agrícola. Por isto, seu processo de socialização ocorre num universo familiar que se estrutura a partir do processo de trabalho que realiza, uma vez que na agricultura familiar unidade produtiva e unidade doméstica correspondem a um todo integrado.

No processo de trabalho da agricultura familiar, as relações produtivas se dão com base em obrigações familiares e não com base na relação de salário, não havendo assim geração de mais-valia, o que lhe confere um caráter não capitalista (TAVARES DOS SANTOS, 1984). Além disto, objetiva a reprodução social da família e da unidade produtiva, tanto no ciclo curto (como reprodução biológica) como no ciclo longo (da reprodução geracional) e não a acumulação de capital. Esse processo de trabalho atravessa fases distintas conforme a evolução do ciclo demográfico da família alterando ao longo do tempo a relação entre trabalho e consumo (CHAYANOV, 1974, 1981). O processo de trabalho, como atividade consciente, é coordenado pelo homem adulto (marido, pai), que assume o papel de chefe do processo produtivo por ser o detentor de um saber agrícola específico. Trata-se de um saber fazer que será transmitido no próprio trabalho, o que confere uma dimensão simbólica, educativa, ao processo de trabalho da agricultura familiar. Neste caso, “*a transmissão do saber é mais do que transmissão de técnicas: ela envolve valores e construção de papéis*” (WORTMANN; WORTMANN, 1997, p.11). Assim, este processo de trabalho constrói não só o espaço agrícola, mas também espaços de relações sociais de gênero e geração<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Estas são relações que implicam em conflitos ligados a imposição de hierarquias sociais, relações de poder e dominação; atravessa o conjunto da sociedade e se articula com outras relações sociais; constituem-se e transformam-se historicamente.

Esta inserção no universo produtivo levou ao questionamento da própria existência da juventude, uma vez que *“entre os camponeses os processos de socialização primária e secundária se confundiam num único momento, visto que ocorrem no âmbito das relações familiares”* não havendo o período de juventude *“pois de crianças passam diretamente a condição de adultos”* (TAVARES DOS SANTOS, 1984, p.46). Essa constatação, no entanto, é acompanhada de ressalvas pelo autor, pois embora o jovem alcance a *“condição de adulto”* porque já trabalha como tal, esta situação se realiza apenas parcialmente, uma vez que ele ainda está submetido à autoridade dos pais.

Entendo que seja necessário distinguirmos a capacidade plena de trabalho da condição social de adulto. A capacidade para trabalho confere ao jovem um novo papel social no interior da unidade produtiva, distinto da infância, agora marcado pela inserção como *“força plena”* (TEPICHT, 1973) no processo de trabalho da família. Isto não significa que seja socialmente reconhecido como adulto, visto que mantêm-se a dimensão fundamental de sua condição juvenil: a subordinação a autoridade paterna. Socialmente ele não é considerado *“adulto”*, pois não concluiu-se o processo de individualização, que só será efetivado com a constituição de uma unidade produtiva autônoma, após o casamento ou após a passagem sucessória do estabelecimento familiar de pai para filho.

Os jovens agricultores, como todos os outros jovens, estão apenas parcialmente integrados no *“mundo adulto”*, mas não desfruta do reconhecimento de um agricultor pleno, o que envolve ainda o domínio de um saber agrícola que será transmitido no próprio trabalho. Neste sentido, a inserção no processo de trabalho da agricultura familiar não é suficiente para superar sua condição juvenil. Trata-se, na verdade, de um treinamento, o processo de socialização que visa prepará-lo para, no futuro, tornar-se um agricultor independente. *“Esse saber é transmitido à “força de trabalho”, aos filhos que, ao trabalhar, estão se constituindo também como “conhecedores plenos””* (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997, p.13). É o domínio sobre esse saber fazer da agricultura e não a idade que proporciona seu reconhecimento social como agricultor adulto capaz de construir uma nova família e uma unidade produtiva independente.

Por isto, o processo de trabalho é o espaço privilegiado de socialização dos filhos no mundo adulto, na lógica do trabalho e da produção, processo este que configura o meio objetivo que acaba por consolidar a construção subjetiva do jovem agricultor. Conclui-se que a socialização

dos filhos no processo de trabalho familiar agrícola cumpre um importante papel na construção social do jovem agricultor e na definição de seus projetos futuros.

### **A divisão do trabalho e posições hierárquicas entre agricultores familiares**

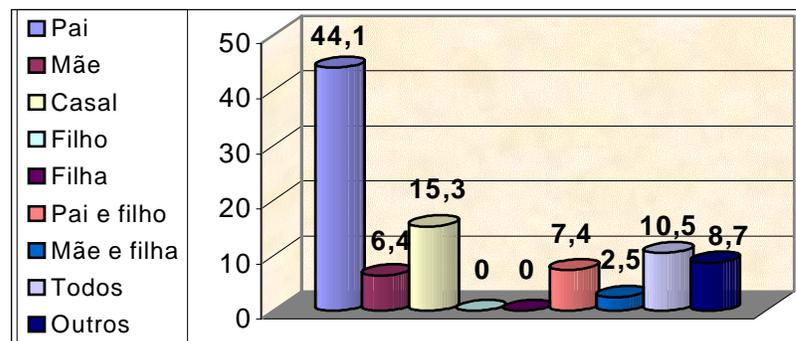
De acordo com Stanek (1998), o trabalho familiar deve ser apreendido sob dois aspectos: a) a divisão do trabalho entre os diversos membros da família e b) a intensidade da utilização das diferentes frações de mão-de-obra tanto na unidade de produção quanto fora dela. Assim serão vistas as formas que assumem a divisão do trabalho no interior das unidades produtivas, buscando compreendê-las como reveladoras das posições ocupadas na hierarquia familiar. Na próxima sessão buscarei explorar a relação temporal entre atividades e papéis sociais desempenhados pelos jovens nas unidades de produção familiar em relação aos seus projetos profissionais.

Para facilitar a exposição, as diferentes tarefas realizadas pelos membros das famílias de agricultores foram agrupadas em três conjuntos: o trabalho administrativo, o trabalho agrícola e o trabalho doméstico (Gráficos 01, 02 e 03). Isto permitirá reconstruirmos analiticamente como ocorre a divisão do trabalho por gênero e geração e como elas indicam a posição de cada membro na hierarquia familiar que se estrutura a partir do trabalho.

O exame das informações sobre quem entre os membros da família assume a responsabilidade pela condução de determinadas tarefas permite constatar a concentração das atividades administrativas na pessoa do pai da família. Ele é o principal responsável pela venda da produção, pela compra de insumos, por realizar serviços bancários como sacar ou depositar dinheiro e é o único a fazer financiamento ou acessar o crédito agrícola. Também é o homem adulto quem mais se relaciona com os agentes de extensão rural e técnicos agrícolas.

Há um conjunto de atividades que envolvem a tomada de decisão que são freqüentemente partilhadas por toda a família. Na hora de decidir o que plantar e na definição da área destinada a cada produto, geralmente há uma consulta aos membros da família que trabalham na agricultura. Quando esta decisão não envolve todos, ela é prerrogativa exclusiva do pai ou uma decisão do casal. Geralmente o casal faz parte do sindicato, entretanto é o homem quem mais freqüenta as reuniões. Os filhos encontrem-se fora da participação sindical.

**Gráfico 01: Quem realiza as tarefas administrativas da U.P.F. (%).**



Fonte: Pesquisa de Campo 2003.

No Gráfico 01, percebe-se claramente o predomínio do pai (44,1%) sobre o controle das atividades relacionadas à gestão da exploração familiar. O segundo lugar é ocupado pelo casal, com 15,3% de incidência na gestão dos negócios familiares. Em terceiro lugar, todos os membros da família, com 10,5%, seguido de pais e filhos (7,4%), da mãe da família (6,4%) e de mães e filhas em 2,5% dessas atividades. Nota-se que nem filhos e filhas desempenham sozinhos qualquer tarefa relacionada à gestão da exploração familiar.

Tomando estas tarefas relativas à administração da unidade produtiva como indicador das posições ocupadas na hierarquia familiar, percebe-se que os filhos ocupam as posições mais baixas.

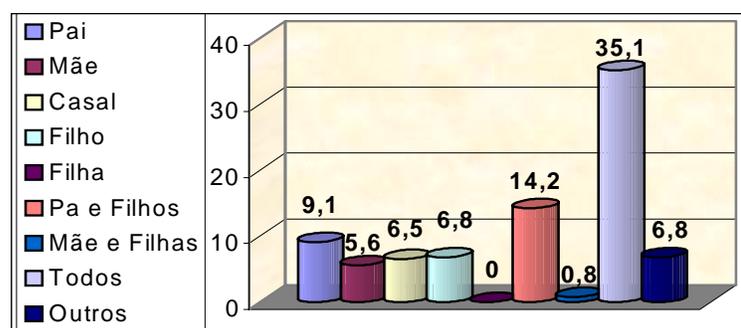
Constata-se que o homem adulto concentra em suas mãos o controle sobre a renda familiar e sobre a gestão da produção agrícola. Isso se deve ao fato de ser o pai a autoridade máxima dentro do grupo doméstico. Essa autoridade está fundamentada, no fato do pai ser o detentor do saber agrícola e que esse saber transforma a terra em terra de trabalho. “*Ele é o detentor de um saber que o autoriza a governar o processo de trabalho, isto é, a dirigir o trabalho da família*” (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997, p.13).

É o pai quem encarna o trabalho agrícola, logo o resultado do trabalho ali realizado é trabalho dele; a esposa, os filhos e filhas, mesmo desempenhando tarefas fundamentais à produção, apenas “ajudam”, como costumam dizer. O pai é sempre *força plena* de trabalho da família, não por ter o maior vigor físico entre os membros do grupo doméstico, até porque em certo estágio do ciclo evolutivo da família os filhos podem ter mais força para trabalhar do que ele. Ele é pleno porque ideologicamente se define como aquele que reúne todas as condições para participar de todas as etapas do processo de trabalho familiar.

No trabalho agrícola é utilizada a força de trabalho de todos os membros da família. O preparo do solo é, na maioria dos casos feita por pai e filho. O plantio é tarefa realizada geralmente por toda a família. A aplicação de veneno é uma tarefa exclusivamente realizada por homens, geralmente compartilhada entre pai e filhos. A colheita é a atividade que mais absorve a mão-de-obra de toda a família. Isso pode ser explicado pelo fato de que a cultura do morango praticada em Escadinhas possibilita mais de uma colheita. Também devido à fragilidade do fruto, é uma atividade que não pode ser mecanizada provocando uma intensa demanda de mão-de-obra, absorvendo assim toda a força de trabalho familiar na sua realização. Tirar leite é considerado pelos jovens como “*trabalho de velhos*”. Já o trato do gado é feito por todos. Na limpeza do chiqueiro e do estábulo predominam o trabalho dos filhos homens.

Conforme o Gráfico 02, podemos verificar que 35,1% das tarefas agrícolas são realizadas por todos membros da família. Pais e filhos se responsabilizam por 14,2% das tarefas agrícolas. O trabalho exclusivo do pai é exercido em 9,1% de atividades. Os filhos sozinhos executam 6,8% das tarefas agrícolas, que equivale ao volume de trabalho contratado em nosso universo. A participação exclusiva do casal encontra-se em 6,5% dessas atividades. As mães e filhas realizam exclusivamente apenas 0,8% das tarefas agrícolas.

**Gráfico 02: Quem realiza o trabalho agrícola da U.P.F. (%).**



Fonte: Pesquisa de Campo 2003.

Estes dados permitem dimensionar a importância que tem o trabalho dos jovens no interior de suas unidades produtivas. Principalmente os rapazes aparecem desempenhando tarefas sejam com toda a família, com o pai ou sozinhos. Existem diversos casos onde o rapaz é o único responsável por determinadas tarefas agrícolas, como o trato de pequenos animais, a limpeza do chiqueiro e do estábulo, o trato do gado e o preparo do solo. Já nas atividades que são realizadas por pais e filhos em conjunto, destaca-se a aplicação de veneno, o preparo do solo, a capina do

terreno e a venda da produção. Estas atividades realizadas pelos filhos, como já nos referimos, são um treinamento para responsabilidades e tarefas mais complexas no futuro.

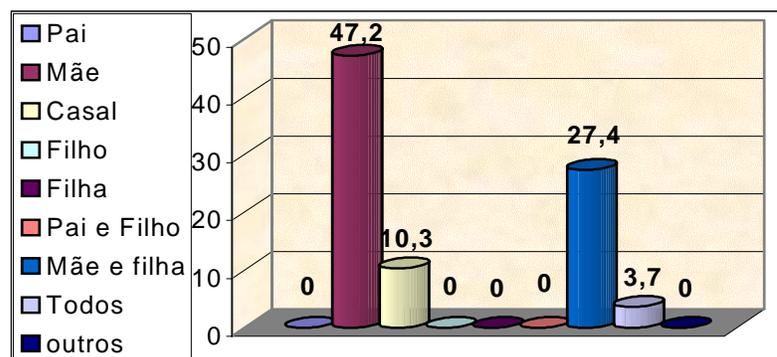
O incentivo aos filhos a desenvolver algumas atividades autônomas, como a criação de animais (coelhos e aves), possibilita-lhes a obtenção de uma renda extra, que é administrada pelos próprios jovens. A prática de alguns agricultores de passar certas responsabilidades para o filho, como cuidar de determinado volume de mudas de morango da plantação à colheita e em alguns casos até da comercialização dos frutos, resulta de uma negociação entre pais e filhos homens que visa possibilitar ao rapaz uma renda própria como reconhecimento da importância de sua participação para a realização do trabalho familiar e ainda como incentivo para sua permanência na agricultura. Estas negociações podem ser entendidas como uma “ação pedagógica” do pai para preparar o filho como um agricultor pleno. Nesse sentido, a socialização do filho no trabalho agrícola adquire, predominantemente, o caráter de atribuição de progressiva responsabilidade com vistas à construção do sucessor.

Se a atividade do homem destaca-se na administração da produção que envolve a coordenação do trabalho dos filhos, o trabalho das mulheres concentram-se na esfera doméstica. A mãe da família é a responsável pela provisão dos familiares. Dentro destas atividades ocupa lugar prioritário a preparação das refeições e a transformação de alimentos – queijo, compotas, *schmier*, pão e bolos que são realizadas pela mãe com a “ajuda” das filhas. Igualmente a compra de produtos para o consumo familiar é tarefa predominantemente feminina. A limpeza da casa aparece como atividade exclusiva das mulheres. Pela divisão sexual do trabalho, ideologicamente engendrado, competem às mulheres as tarefas domésticas. Estas se não são consideradas “*produtivas*” do ponto de vista econômico, são seguramente “*reprodutivas*” no que diz respeito à reprodução do grupo doméstico e do próprio trabalho (WOORTMANN, 1995).

A concepção do que se define como “*trabalho*” permite dar sentido à divisão de tarefas por sexo, configurando as relações sociais de gênero. O trabalho da mulher na agricultura é, via de regra, em tempo parcial, já que dificilmente as tarefas domésticas são transferíveis aos homens.

No Gráfico 03 verificamos que em 47,2% dos casos é a mãe sozinha quem realiza as tarefas domésticas e em 27,4% essas tarefas são realizadas por mãe e filha, em apenas 3,7%, ou seja um caso, todos fazem os serviços da casa. Isso se deve às construções ideológicas relativas à mulher e ao papel social que se espera que ela desempenhe no interior da família.

**Gráfico 03: Quem faz os trabalhos domésticos da U.P.F: (%).**



Fonte: Pesquisa de Campo 2003.

As mulheres e particularmente as moças entrevistadas realizam principalmente algumas tarefas agrícolas para as quais são consideradas aptas, como o plantio, a colheita e a embalagem do morango. Dentre as atividades agrícolas há algumas tarefas que são especificamente femininas, tais como a semeadura ou a limpeza dos cultivos, tarefas estas que na medida em que são realizadas por mulheres perdem o caráter de trabalho e passam a ser denominadas como ajuda (HEREDIA et al, 1984).

A partir do que foi exposto até aqui, pode-se perceber a socialização dos jovens no processo de trabalho da agricultura familiar como uma relação objetiva entre os membros da família de agricultores reforçam construções simbólicas relativas à papéis de gênero e geração na hierarquia familiar. Primeiramente chama a atenção a importância da força de trabalho jovem na execução dos trabalhos agrícolas e domésticos. Conforme o relato dos jovens, os filhos homens aparecem como força de trabalho principal junto com o pai na execução das tarefas agrícolas. Por sua vez as filhas mulheres ocupam a posição mais baixa na hierarquia familiar, visto que não exercem nenhuma atividade sob sua responsabilidade exclusiva. O trabalho das filhas é assim absorvido nas tarefas domésticas sob orientação da mãe, ou diluído nas atividades realizadas por todos os membros da família de agricultores. Por motivos de ordem ideológica, seu trabalho é complementar, pouco valorizado ou mesmo invisibilizado através da categoria “ajuda”. Estas questões estão na raiz do viés de gênero dos projetos de ruptura com o trabalho agrícola. Assim, começamos a compreender porque a agricultura é tão pouco atrativa para as jovens agricultoras da localidade que estudamos.

### **Padrões Temporais das Ocupações de Rapazes e Moças e seus projetos profissionais.**

Buscamos identificar a distribuição temporal das ocupações dos jovens agricultores de Escadinhas<sup>6</sup>, a fim de perceber quais padrões de atividades caracterizam cada um dos gêneros em comparação: rapazes e moças. Com isso pretende-se diagnosticar que relações se estabelecem entre as formas de ocupação principal, medida pelo tempo médio semanal dedicado a cada atividade, e a formulação dos projetos profissionais elaborados pelos jovens. Pretende-se, assim, perceber a influência do uso do tempo na construção de papéis-chaves, aquele ao qual se dá prioridade sobre outros papéis, o que por sua vez está na base da construção das disposições para a permanência ou saída da agricultura.

Podemos identificar a influência dos papéis sociais atribuídos aos jovens agricultores, segundo sua condição de gênero, sobre a organização do uso do tempo para o estudo, o trabalho agrícola, o trabalho fora da propriedade familiar e o trabalho doméstico. Busquei, assim, descobrir quais as atividades principais dos jovens, definidas por sua estruturação temporal por turnos (manhã, tarde e noite) e como esta se relaciona com a elaboração de seus projetos profissionais.

Identificamos de forma bastante precisa que entre os rapazes predomina o tempo dedicado ao trabalho agrícola, depois, destaca-se o tempo reservado aos estudos. Há rapazes que trabalham todos os dias da semana, alguns inclusive no turno da noite. Eles praticamente não contribuem para o trabalho doméstico; há apenas um jovem que se dedica durante um turno na semana a essa atividade. O tempo de lazer é bastante restrito entre os jovens agricultores, limitados basicamente à tarde de domingo quando jogam futebol, configurando-se esta como a principal atividade de lazer.

As moças se dedicam com mais frequência aos estudos do que à outra atividade. O envolvimento nas tarefas agrícolas é bastante variável no universo feminino. Algumas moças trabalham fora do estabelecimento familiar como professora das séries iniciais do ensino fundamental ou cuidando de crianças no bairro. Depois do tempo dedicado aos estudos, a principal ocupação das jovens agricultoras é o trabalho doméstico em suas unidades familiares,

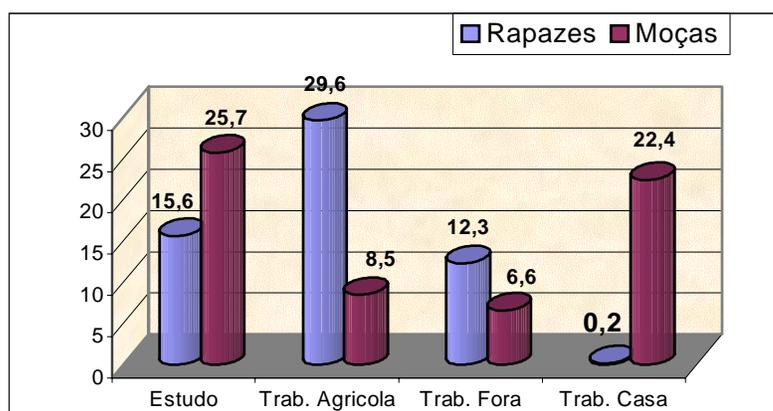
---

<sup>6</sup> Esse exercício foi baseado em estudos que enfatizam a influência do uso do tempo sobre a estabilidade ou a transformação de estruturas sociais, tais como foi desenvolvido em uma pesquisa exploratória realizada por Cebotarev (1984) com mulheres camponesas na América Latina. Segundo este autor, examinando a unidade tempo-atividade, podemos descobrir a relação entre uso do tempo e papéis-chaves (CEBOTAREV; 1984).

que é exercido principalmente à tarde. Também entre elas o tempo de lazer é escasso, limitando-se à tarde de domingo quando costumam passear com amigas e parentes ou assistem a televisão.

Podemos comparar melhor a organização temporal das atividades de rapazes e moças analisando o tempo médio dedicado às ocupações como estudo, trabalho agrícola, trabalho fora e trabalho doméstico (Gráfico 04). Nesse caso, não estarei considerando os tempos gastos com descanso e lazer, visto que só interessam de maneira complementar a essa análise, que se propõe à compreensão dos padrões temporais das ocupações juvenis, para identificar as relações entre intensidade de participação no trabalho agrícola e os projetos profissionais dos jovens.

**Gráfico 04: Tempo médio das ocupações de Rapazes e Moças (%).**



Fonte: Pesquisa de Campo, 2003.

No Gráfico 04 percebemos que as moças dedicam 25,7% de seu tempo ao estudo enquanto os rapazes dedicam 15,6% de tempo total para essa atividade. Os jovens do sexo masculino dedicam-se principalmente ao trabalho agrícola, que ocupa 29,6 % do tempo semanal, enquanto que as filhas mulheres dedicam 8,5% do seu tempo a essa atividade. Os rapazes também se ocupam mais com trabalho fora da propriedade familiar, 12,3% do tempo total médio em comparação com as moças de nossa amostra que chegam a 6,6%. Já quando se trata do trabalho doméstico, as garotas dedicam 22,4% do seu tempo a esta atividade representando a segunda ocupação delas em conjunto, enquanto que a participação dos rapazes nesta atividade fica em 0,2%. Basta realizarmos uma simples soma do total do tempo gasto por rapazes e moças para identificarmos que as jovens mulheres têm uma jornada em média mais longa em termos temporais do que os homens.

O fato das moças dedicarem mais tempo aos estudos enquanto os rapazes ao trabalho agrícola não deixa de ser revelador dos papéis sociais atribuídos a cada um dos filhos de agricultores do universo em questão.

Estudar é visto como a principal via de acesso para o trabalho não agrícola e tido por grande parte das moças como uma possibilidade de realização pessoal e profissional, que não envolve apenas uma melhor remuneração, mas o reconhecimento e valorização do trabalho por elas realizado. A escola é uma via de acesso as inovações tecnológicas e a um ideal de modernidade que é valorizado pelos jovens. Como pode ser observado no depoimento de duas informantes de 14 anos e 15 anos que participaram do Grupo focal feminino, quando perguntamos o que pensavam a respeito do futuro profissional e se seus pais influenciavam em seus projetos a esse respeito:

- *“Eu penso muito na minha vida profissional tanto que eu me esforço muito para estudar, quando eu crescer e precisar ter uma escolha. Lógico quando tu é adolescente tu não sabe bem o que tu quer . Então eu ainda vou tomar essas decisões. Eu me interesso muito por direito, em ser advogada. Eu também gostaria de fazer curso de Ciências da Informática por que eu tive cinco anos de curso de informática e eu me interesso pela tecnologia, tá crescendo a tecnologia. A gente vê a cada dia a tecnologia dominando o mundo. Eu sei que essa vai ser uma profissão muito importante. Então eu penso muito . Eu já tenho, pelo que eu vejo ao redor do mundo, eu fico pensando em decidir o que eu vou seguir”.* (N. Grupo Feminino, 14 anos)

- *“ Por enquanto os meus pais querem que eu estude.Meus pais dizem que eu tenho que fazer curso , faculdade, por que até aqui na Feliz, tem lojas que se tu não sabe falar alemão tu não consegue trabalhar. Tem que falar por que tem muita gente que fala, e tem que falar, por que se não, não tem trabalho. O meu pai quer que eu tenha recursos de informática, de línguas, essas coisas por que ele sabe que isso é bom e a minha mãe também, e seguida eles falam que essa vida é difícil na agricultura.”*(S. Grupo Feminino, 15 anos)

Percebe-se que o estudo é visto como um elemento indispensável na formulação dos projetos profissionais, mesmo no caso deste ainda estar no início de sua delineação. Por outro lado os pais também incentivam as filhas a estudar, o que é justificado por sua condição juvenil. A definição de qualquer profissão passa pela dedicação aos estudos. Um maior investimento temporal nos estudos revela uma estratégia de inserção no mercado de trabalho não agrícola por parte das entrevistadas. Este maior investimento feminino em escolarização já havia sido identificado por Durston:

Para la mujer rural joven, al igual que la migración, la educación formal toma nuevo significado libertador. Pero para ser “algo más” que una ama de casa campesina, no basta con migrar, porque sin educación la migrante está condenada a una condición de ninguna manera superior: la de sirvienta doméstica. Como lo expresa Madeira (1985, p.167) para el caso brasileño, opera fuertemente “ la ideología del ascenso social por la

vía de la escolaridad”. La escuela, por lo demás, “ofrece status y posibilidades de sociabilidades inmediatas de pertenecer a una cultura joven” (MADEIRA, 1985). Este último valor de la escuela es subrayado también por Valdés para Chile (1985:284): la escuela es el único medio permitido para la mujer joven de estar incluida en la sociedad, de participar en su comunidad.” (DURSTON, 1997, p.25)

O estudo é pensado como estratégia de ascensão social preparando os filhos para o engajamento como força de trabalho qualificada no meio urbano. Conforme podemos notar na fala da informante de 15 anos, a qual poderíamos acrescentar várias outras, a dedicação ao estudo tem muita influência dos pais das jovens. Fica evidente que o incentivo à escolarização visa possibilitar às filhas uma melhor colocação profissional no mercado de trabalho não agrícola, já que pela maneira de proceder de seus pais não estão reservadas às filhas mulheres o papel de sucessoras dos pais na administração da unidade produtiva.

Neste caso percebe-se que os filhos que ficarão na agricultura são construídos socialmente, assim como os que devem sair. Conforme Wanderley, “*uma unidade familiar de produção tende, pela sua própria natureza, a propiciar a saída de um certo número de filhos que não podem ser mantidos no interior do estabelecimento familiar*” (WANDERLEY, 2003, p.10). O incentivo dos pais à escolarização das filhas tem a função de direcioná-la para outra atividade, privilegiando os filhos homens como sucessores dos pais na agricultura.

**Tabela 01 Cruzamento entre ocupação principal e projeto profissional de Rapazes e Moças (%):**

Ocupação principal	Quer ser agricultor?					
	Rapazes			Moças		
	Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
<b>Estudo</b>	-	37,5	17,7	-	50	50
<b>Trabalho Agrícola</b>	88,8	25	58,8	-	-	-
<b>Trabalho Fora</b>	11,2	37,5	23,5	-	10	10
<b>Trabalho Doméstico</b>	-	-	-		40	40
<b>total</b>	100	100	100		100	100

Fonte: Pesquisa de Campo 2003.

A relação entre as formas de ocupação juvenil e seus projetos profissionais pode ser verificada na Tabela 01. Chama principalmente a atenção o fato de que nenhuma das

entrevistadas pretendem ser agricultoras. Consta-se ainda que entre os jovens que elaboram projetos profissionais de permanência na agricultura familiar 77,7% dedicam-se prioritariamente ao trabalho agrícola, enquanto que os que formulam projetos não agrícolas predominam o trabalho fora (37,55%) e os estudos (25%). Entre os que se dedicam ao estudo e ao trabalho ao mesmo tempo, verifica-se um equilíbrio entre os que pretendem ser agricultores e os que não desejam essa profissão com um caso (5,9% de rapazes) em cada opção.

Percebemos que há uma relação de afinidade entre as principais atividades das moças e seus anseios de não serem agricultoras, uma vez que elas dedicam menos tempo ao trabalho agrícola do que os rapazes. Pela divisão sexual do trabalho lhes são destinadas mais tarefas domésticas do que administrativas ou produtivas. Os papéis atribuídos aos jovens agricultores evidenciam-se nas formas de ocupação dos mesmos e distinguem-se pela condição de gênero: aos filhos homens se atribui o papel de sucessor dos pais através de um longo treinamento no processo de trabalho da agricultura familiar; as filhas mulheres são incentivadas a estudar como meio de ascensão social. Percebemos que, quanto maior o envolvimento do jovem no processo de trabalho da agricultura familiar, assumindo mais responsabilidades, realizando mais tarefas e dedicando maior tempo, consolida-se um processo de socialização que promove as disposições dos jovens em permanecer na agricultura. Esta socialização, como meio de construção das disposições adquiridas na própria relação com o trabalho agrícola, inculca nos jovens valores, visões de mundo e representações sociais sobre o próprio trabalho agrícola.

### **As Representações dos Jovens sobre o Trabalho Agrícola**

As visões dos jovens agricultores sobre o trabalho agrícola são particularmente interessantes por serem eles os sucessores em potencial de seus pais nessa atividade. Além disso, suas representações refletem formulações socialmente construídas e quotidianamente repetidas em seu meio familiar e comunitário. Desta forma, os jovens estão trazendo à tona as opiniões que eles estão acostumados a ouvir em suas próprias casas. Algumas expressões como “*trabalho forçado*”, “*judiado*”, “*pesado*”, “*difícil*” são freqüentemente utilizadas por eles para descrevê-lo. Suas falas remetem, no conjunto, a uma visão negativa sobre o trabalho agrícola.

- Eu acho um trabalho muito forçado que não é tão bom fazer, tu tem que levá muito peso, dói a coluna, essas coisas assim. (N. Grupo Feminino, 15 anos).

- O trabalho agrícola é forçado como qualquer outro trabalho, porque mesmo outro trabalho vai exigir bastante de nós, vai tirar o nosso tempo. Vai deixar bem cansada. Lá em casa o trabalho não é muito puxado, porque até ele é bem dividido. Cada um faz a sua parte e não exige tanto esforço, quando chove a gente não trabalha, quando é muito sol a gente espera ficar mais frio sabe? Então se apressa mais o trabalho, faz no outro dia, tem períodos assim que tem folga, então não é muito puxado. Claro, chegam cansados daí dormem, mas a gente não perturba, deixa eles descansarem. O trabalho mais puxado eles fazem com o trator, com as máquinas. Ele é puxado o trabalho agrícola, ele tira assim, qualquer trabalho tem que ter o nosso esforço, tem que ter a nossa participação. (J. Grupo Feminino, 15 anos)

- É bem judiado trabalhar na agricultura. Nossos pais estão na agricultura por que antigamente eles não tinham estudo, aí eles não tinham como ter um emprego, trabalhar aqui fora. (T. Grupo Masculino.14 anos)

- O trabalho na agricultura é pesado, é judiado, e a única coisa boa mesmo é quando vem a colheita e dá dinheiro. (C. Grupo Masculino.14 anos)

Observa-se que uma jovem relativiza esta postura demonstrando que o trabalho agrícola torna-se mais fácil na medida em que é bem distribuído no interior da família, podendo ser comparado a qualquer outro trabalho que exige dedicação e esforço. Em sua fala, o trabalho é visto como algo que necessariamente “*tem que ter o nosso esforço*” e “*nossa dedicação*”. Por trás desta naturalização do desgaste físico e da dedicação como aspectos próprios do ato de trabalhar, está uma valorização dessa ação como atividade prática e como atividade moral, isto é, o trabalho aparece aqui como um valor ético que se expressa no dever de empenhar-se no mesmo. O trabalho é um valor incorporado pelos jovens na sua socialização, no próprio processo de trabalho familiar. Além de atividade prática / produtiva, é um espaço da intersubjetividade que forma e informa estruturas cognitivas de ação e interação que promovem as aprendizagens práticas e de entendimento de valores éticos e morais que justificam o próprio processo de trabalho da agricultura familiar. Mesmo que essa jovem esteja referindo-se ao trabalho agrícola feito por seu pai e irmãos que “*chegam cansados*”, o trabalho é um valor que ela compartilha com eles como pode ser visto pelo uso do pronome “*nosso*” no final de sua fala.

Os jovens dos grupos foram provocados a falar sobre os pontos negativos e positivos da profissão de agricultor no intuito de expressarem suas representações sobre a agricultura enquanto atividade profissional.

- *Eu acho que os pontos positivos são que a pessoa que trabalha não tem um patrão, digamos assim, a não ser aquelas que trabalham nas terras de outros, mas as que trabalham nas próprias terras não tem que obedecer ordens de alguém. Elas não tem um dia como uma pessoa que trabalha numa fábrica, que tem hora e dia para tudo. A pessoa que trabalha na roça, ela pode, ela não tem muita hora; e os pontos negativos são quando chove a pessoa tem que trabalhar e quando tem muito sol também. (N. Grupo Feminino. 13 anos)*

- *Ponto positivo é que assim o agricultor que tem a sua terra própria não precisa pagar aluguel, não precisa dá satisfação do que vai fazer para o patrão e um ponto negativo é que se o produto tá ali tu tem que colhe mesmo com chuva ou com sol, se não ele apodrece, e também quando tu leva o produto para CEASA tu espera que seja vendido por um bom preço ao invés o preço é baixo, tu não lucra. (M. G. F. Feminino. 14 anos)*

- *Acho que ponto positivo seria esse de ter a tua própria decisão, tu pode decidir, ter tuas idéias. Pontos negativos é que tu é obrigado a trabalhá com veneno. Para ter melhores condições tem que investir muito, e na maioria a gente tem mais despesas do que lucros. Porque na hora que a gente vai ver a gente investiu mais do que a gente mesmo produziu. (R. Grupo Feminino. 13 anos)*

- *Depende de qual parte a gente está, o trabalho é chato, mas tem umas partes que também são legais. O bom é que a gente tira alguma coisa depois quando o fruto amadurece, a gente consegue um bom lucro, e o ruim é que às vezes fica muito tempo trabalhando nisso e te dá muita dor nas costas. Te dói bastante, a gente não consegue levantar ou abaixar. (E. Grupo Masculino. 13 anos)*

- *O bom é poder tirar o lucro do que a gente colocar na agricultura, o ruim é coloca um monte de dinheiro e não conseguir tirar nada para comprar os alimentos para colocar dentro de casa. (M. Grupo Masculino. 15 anos)*

- *Trabalhar na agricultura é ruim porque exige muito do corpo e também os produtos o preço é sempre o mesmo, e os outros produtos que a gente tem que compra os preços sempre sobem. (D. Grupo Feminino Masculino. 14 anos)*

- *Coisa ruim é te envenená, o veneno, os agrotóxicos, fazem mal ao corpo. Aí tu trabalha muito tempo e o corpo também não agüenta muito, fica fraco. Coisa boa é quando vem a colheita. (M. Grupo Masculino. 15 anos)*

Dentre os aspectos positivos presentes nas declarações das moças, destaca-se a autonomia da família sobre o processo de trabalho, que está ligada à condição de proprietária do meio de produção fundamental da agricultura, que é a terra. Como proprietários não estão submetidos a uma autoridade externa à família, representada pela figura do *patrão*, podendo assim gozar da liberdade de determinar o ritmo do trabalho, decidir o que plantar e como fazê-lo. Nota-se, ainda, que essa dimensão do trabalho agrícola emerge em oposição ao trabalho fabril, onde “*tem hora e dia para tudo*”. Essa é uma

maneira de expressar a oposição “*nos / eles*” que constitui e fortalece a identidade de agricultor em diferenciação ao trabalhador assalariado submetido a um patrão.

É importante destacar o fato de que essa autonomia mencionada pelos jovens apresenta-se mais como um valor do que uma prática concreta. A decisão sobre o que plantar não ocorre no vácuo, sendo extremamente influenciada pelas questões de mercado, portanto extrapola o controle da família. O horário de trabalho também está relacionado com vários fatores, dentre eles o tipo de produto, a tecnologia utilizada e a disponibilidade de mão-de-obra. .

No conjunto, esses elementos remetem à construção da identidade de agricultor enquanto alguém que tem o controle sobre a gestão do patrimônio e do processo de trabalho, o que nas representações sociais aparece como condizente com o *status* de proprietário de terras, condição *sine qua non* para “*ser seu próprio patrão*”.

Entre os rapazes, destacam-se os ganhos financeiros obtidos pela produção agrícola como o principal aspecto positivo dessa atividade. Para eles uma boa colheita corresponde, via de regra, a uma margem razoável de lucro. Enquanto as moças enfatizam os elementos que configuram a identidade de agricultor, os rapazes focam os aspectos econômicos dessa atividade.

Nas falas das jovens os aspectos negativos da profissão de agricultor referem-se principalmente à insalubridade do trabalho frente a adversidade climática, aos preços baixos dos produtos e aos malefícios à saúde provocados pelo uso de agrotóxicos. Estes dois últimos aspectos também são citados pelos rapazes que acrescentam a essa perspectiva pessimista da atividade agrícola a dor nas costas provocada pelo trabalho na roça e o lucro reduzido. Os elementos presentes em suas declarações dividem-se em duas ordens de fatores: a primeira, refere-se ao desgaste do corpo no trabalho agrícola - que no caso do cultivo do morango implica em permanecer durante muito tempo curvado e fazer uso de agrotóxicos constantemente –; a segunda diz respeito ao âmbito econômico da profissão de agricultor, que se traduz na oscilação dos preços provocada pelas flutuações na razão entre oferta e procura e no aumento freqüente dos preços dos insumos.

Foi solicitado aos jovens que atribuíssem uma nota de 1 a 4 indicando o quanto eles se identificavam com o trabalho agrícola que realizam, 14,8 % atribuíram nota 01 ao trabalho agrícola; 33,3% deram nota 02; 40,7% deram nota 03; e 11,1% conferiram a nota

máxima 04. Tomados em seu conjunto a maioria dos entrevistados, gostam do trabalho agrícola, uma vez que predomina uma avaliação positiva (notas 03 e 04). No entanto há uma grande diferença entre as avaliações de rapazes e moças como pode ser visto na tabela 02.

Verifica-se que há uma correlação entre a nota atribuída ao trabalho agrícola e a disposição de ser agricultor por parte dos jovens agricultores entrevistados. Considerando as maiores notas 03 e 04 como avaliações positivas sobre o trabalho agrícola percebemos que estas concentram-se principalmente entre os jovens ( 88,8% dos rapazes) que desejam permanecer na agricultura familiar. Contrariamente, entre os rapazes que elaboram projetos profissionais não agrícolas, 62,5% atribuíram as notas mais baixas de 01 a 02. Entre as moças predominam avaliações mais negativas sobre o trabalho agrícola, com 70% delas atribuindo notas 01 e 02 a essa atividade. Essa avaliação por parte das moças é coerente com o desejo delas em inserirem-se em atividades profissionais não agrícolas.

**Tabela 2: Cruzamento entre nota atribuída ao trabalho agrícola e projeto profissional de rapazes e moças (%).**

Nota	Quer ser agricultor?					
	Rapazes			Moças		
	Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
<b>1</b>	-	25	11,7	-	20	20
<b>2</b>	11,1	37,5	23,5	-	50	50
<b>3</b>	55,5	37,5	47	-	30	30
<b>4</b>	33,3	-	17,6	-	-	
<b>Total</b>	100	100	100	-	100	100

Fonte: Pesquisa de Campo 2003.

Percebemos que as moças rejeitam mais intensamente o trabalho agrícola do que os rapazes. Isso se deve não só a dificuldade do trabalho, mas também ao fato de que, pela divisão sexual do mesmo sua participação é considerada acessória a força de trabalho masculina, expressa pela categoria de “*ajuda*” com a qual referem-se ao seu envolvimento nesta atividade. O trabalho é avaliado de modo diferente por rapazes e moças sendo coerente com seus projetos profissionais. Os que avaliam de modo mais positivo o trabalho agrícola tendem a formular projetos profissionais de permanência na agricultura familiar. Percebe-se que tais avaliações estão alicerçadas nas disposições incorporadas ao longo de sua socialização no processo de trabalho familiar.

## **Considerações Finais**

Os resultados deste estudo indicam que as formas de participação dos jovens no processo de trabalho familiar agrícola são definidas por critérios de gênero, reproduzindo, assim, a divisão sexual do trabalho. As diferenças entre sexos, construídas culturalmente, implicam na atribuição de papéis sociais em função das expectativas dos pais em relação a construção de seu sucessor. Isto se processa na socialização de rapazes e moças na agricultura familiar, refletindo-se na elaboração dos projetos profissionais .

Verificamos que as tarefas relacionadas à administração da unidade de produção familiar concentram-se nas mãos do pai, enquanto que filhos e filhas pouco ou nunca desempenham estas tarefas. Isto é justificado principalmente devido ao fato de que é o pai quem detém o saber agrícola o que lhe confere a condição de “chefe” do estabelecimento familiar.

Nas tarefas agrícolas, evidenciou-se o predomínio da utilização da mão-de-obra de toda a família e a importância que assume a força de trabalho dos jovens no volume de trabalho da família, principalmente os rapazes que junto com o pai desempenham a maioria das tarefas agrícolas. A mão-de-obra das filhas aparece principalmente relacionada ao trabalho doméstico realizado sob a orientação das mães ou nas tarefas agrícolas realizadas por toda a família. O trabalho das moças é pouco valorizado ou mesmo invisibilizado.

Destaca-se que o processo de trabalho da agricultura familiar é o meio pelo qual se desenvolve a reprodução social das famílias de agricultores, na medida em que, ao mesmo tempo, possibilita a subsistência da família e a produção simples de mercadorias, proporciona também a formação de novas gerações de agricultores. Estas novas gerações são, por sua vez, fundamentais à realização de tal processo de trabalho. A força de trabalho dos jovens é importante para a realização das atividades desenvolvidas na propriedade familiar, sejam elas domésticas ou agrícolas.

Na análise dos padrões temporais das ocupações de rapazes e moças percebeu-se que entre os primeiros predomina o tempo dedicado ao trabalho agrícola da família, enquanto que entre as moças prevalece o tempo dedicado aos estudos acompanhado do tempo reservado ao trabalho doméstico. Estes padrões temporais de ocupação reforçam o viés de gênero na atribuição dos papéis sociais a filhos e filhas no interior das unidades produtivas. Enquanto os rapazes são preparados, através de uma maior inserção no trabalho agrícola, para serem os sucessores dos

pais nesta atividade, as moças são direcionadas a dedicam-se mais aos estudos como meio de inserção no mercado de trabalho não agrícola. Verifica-se que há uma correlação entre as diferenças quanto aos processos de socialização no trabalho agrícola e os projetos profissionais de rapazes e moças, visto que o maior envolvimento dos rapazes neste trabalho é acompanhado de índices maiores de projetos de permanência na agricultura.

No que tange às representações dos jovens sobre o trabalho agrícola, observou-se que as moças avaliam mais negativamente o trabalho agrícola do que os rapazes. Essa visão pessimista pode ser atribuída a penosidade do trabalho, considerada impróprio para as mulheres. Também revela uma inconformidade das jovens com o fraco reconhecimento de sua participação no trabalho familiar, percebida como acessória ao trabalho masculino e freqüentemente expressa pela categoria de “*ajuda*”.

É possível afirmar que o trabalho agrícola adquire significados distintos para rapazes e moças, revelando concepções classificatórias que se refletem na elaboração de seus projetos profissionais. Os rapazes acionam representações mais positivas sobre o trabalho agrícola. Como vimos, estas representações encontram-se fundadas em disposições incorporadas em sua socialização no processo de trabalho da agricultura familiar. Assim, eles tendem a formular com maior freqüência projetos profissionais de permanência na agricultura familiar.

De modo geral entre os jovens do universo de estudo predominam projetos profissionais não agrícolas. Tendência esta muito mais intensa entre as moças do que entre os rapazes. Elas não vêem na agricultura possibilidades de realização profissional porque o seu trabalho é pouco valorizado, nem vislumbram a chance de suceder o pai na gestão da unidade familiar.

Sem pretender reduzir os complexos processos que envolvem a reprodução social e formulação dos projetos profissionais dos jovens agricultores (como o acesso a terra, a renda, ao crédito, a formação profissional, a políticas públicas específicas, o projeto dos pais para os filhos, a disposição dos jovens em reproduzir o modo de vida dos pais e etc) podemos concluir que a condição de gênero aparece como o principal fator na adesão das moças a projetos profissionais de saída com a agricultura familiar. Se de um lado elas são incentivadas pelos pais a inserirem-se em profissões não agrícolas, por outro, é a inconformidade com uma condição de subordinação e dominação que leva as jovens investirem na sua escolarização como estratégia de inserção profissional não agrícola. Com efeito, a crise da reprodução social da agricultura familiar não tem apenas motivações econômicas, mais também é derivada das relações sócias de gênero e geração.

Neste sentido, qualquer estratégia de desenvolvimento agrário que proponha o fortalecimento da agricultura familiar deve necessariamente promover a valorização da presença das mulheres nesta atividade buscando fomentar a equidade entre os gêneros. Para isto torna-se necessário desconstituirmos a idéia da família agricultora como um todo indivisível e atentarmos para as diferenciações de gênero e geração no interior do grupo doméstico, assim como aprofundar a compreensão acerca da especificidade da situação juvenil na agricultura familiar.

### Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CHAYANOV, Alexander V. *La organización de la unidade económica campesina*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.
- CHAYANOV, Alexander V *Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas*. In: GRAZIANO DA SILVA, J.; STOLCKE, Verena (org's.). *A questão agrária*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CEBOTAREV E. A. *A Organização do Tempo de atividade Doméstica e Não Doméstica de Mulheres Camponesas na América latina*. In: AGUIAR, Neuma (coord.) *Mulheres na Força de Trabalho na América Latina: Análises Qualitativas*. Petrópolis: Vozes, 1984.(p. 45 a 78).
- DURSTON, John. *Juventud rural excluída em America latina Reducindo la invisibilidade*. XXI Congresso Latino Americano de Sociologia. São Paulo:1997.
- GALESKI, B. *A família Camponesa*. Rio de Janeiro: PPGAS, Museu Nacional, 1979. (mimeo)
- GRAZIANO DA SILVA, J *O novo Rural Brasileiro*. Campinas: UNICAMP, Instituto de Economia, 1999.
- HEREDIA, Beatriz M. A.; GARCIA , Maria F.; GARCIA JR. Afrânio. *O lugar das mulheres em unidades domésticas camponesas*. In: AGUIAR, Neuma (coord.) *Mulheres na Força de Trabalho na América Latina: Análises Qualitativas*. Petrópolis: Vozes, 1984. (p.29 a 44)
- ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969, 2 V.
- SCHÜTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SPOSITO, Maria. *Trajetória na construção de políticas públicas de juventude no Brasil*. In; Políticas públicas : juventude em pauta . FREITAS, Maria Virginia; et al (Org) São Paulo: CORTEZ, 2003.(p. 57 a 74).
- STANEK, Oleg. *As Estratégias Familiares*. In: LAMARCHE, Hugues (coord). *A agricultura familiar: comparação internacional - Do mito à realidade*. V. 2. Campinas: UNICAMP, 1998. (p.119 a 145).
- TAVARES DOS SANTOS, José V. *Colonos do vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital*. São Paulo: Hucitec, 1984.
- TAVARES DOS SANTOS, José V. *Crítica da sociologia rural e a construção de uma outra sociologia dos processos sociais agrários*. In: *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: ANPOCS/Vértice, 1991. (p.13 a 51).

- TEPICHT, Jerzy. *Marxisme et agriculture: Le paysan Polonais*. Paris: Armand Colin, 1973.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, parentes e Compadres: Colonos do Sul e Sítiantes do Nordeste*. São Paulo: HUCITEC UNB, 1995.
- WOORTMANN, Ellen.; WOORTMANN, Klass. *O trabalho da Terra*. Brasília: Ed. UNB. 1997.